

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIELLE MODESTO MELLE

**CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FREUDIANA PARA A COMPREENSÃO DO
FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER**

SANTOS, 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELLE MODESTO MELLE

**CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FREUDIANA PARA A COMPREENSÃO DO
FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Psicologia realizado sob a orientação da
Prof.^a Dra. Lara Cristina d'Avila Lourenço

SANTOS, 2022

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M524c Melle, Gabrielle Modesto .
Contribuições da teoria freudiana para a
compreensão do fenômeno da violência contra mulher. /
Gabrielle Modesto Melle; Orientadora Lara Cristina
d'Avila Lourenço; Coorientador . -- Santos, 2022.
33 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e
Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

1. Violência contra mulher. 2. Teoria freudiana .
3. Psicanálise. I. Lourenço, Lara Cristina d'Avila ,
Orient. II. Título.

CDD 150

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, minha mãe Renata e meu pai Leandro, por sempre me apoiarem e lutarem para que eu pudesse ter acesso a uma educação de qualidade e ao ensino superior. Se não fosse por seus constantes sacrifícios, certamente nada disso seria possível.

Também gostaria de agradecer minhas amigas de graduação, em especial a Jéssica Portela e Isabela Dourado, por tornarem esse percurso tão mais prazeroso e por terem sido minha família quando estávamos longe de tudo que conhecíamos, tendo que iniciar uma nova fase de nossas vidas. Quero que saibam que foi uma honra vivê-la com vocês.

Por fim, agradeço profundamente a todas as mulheres que vieram antes de mim, que se levantaram contra os inúmeros tipos de violência, que foram corajosas o suficiente para desafiarem o que era considerado normal, que não se calaram, que foram presas, queimadas e torturadas para que hoje eu possa ter voz e liberdade para escolher meu futuro. Que seus sacrifícios nunca sejam esquecidos e que nós nunca nos conformemos.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o complexo fenômeno da violência contra mulher através da ótica da teoria freudiana, com um maior enfoque nas possíveis motivações dos agressores. Inicialmente, apresentamos dados de violência contra mulher com o objetivo de evidenciar como tal problema é um fenômeno abrangente e uma característica importante da cultura. Em seguida, trazemos temas relevantes da teoria de Freud, como a depreciação da mulher, a forma como ela é vista pelo homem, a agressividade como parte inerente da natureza humana, a tendência do homem em diferenciar as mulheres em “desejadas” e “respeitadas” e a ambiguidade de sentimentos em relação ao objeto de amor, especialmente presente em indivíduos neuróticos obsessivos. Sobre os obsessivos, destacamos como parte fundamental dessa estrutura psíquica a existência de impulsos hostis para com a pessoa amada. Por fim, analisamos diversos estudos feitos com agressores conjugais, destacando as motivações apontadas por eles para cometer a violência. Concluímos que, em vista das características da psique humana destacadas, lidar com o problema da violência contra mulher representa um desafio à nossa cultura, mas não podemos perder de vista o fato de se tratar de um fenômeno complexo e multicausal.

Palavras-chave: violência contra mulher, teoria freudiana, psicanálise.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Objetivos.....	10
3. Justificativa.....	9
4. Metodologia.....	11
5. Discussão.....	12
4.1 Capítulo 1: A Teoria de Sigmund Freud	
4.1.1 A depreciação da mulher.....	13
4.1.2 A Neurose Obsessiva.....	18
4.2 Capítulo 2: Relação entre violência contra mulher e a teoria freudiana...	22
6. Considerações finais.....	27
7. Referências.....	29

1. INTRODUÇÃO

A violência contra mulher é um tópico extensivamente discutido na comunidade científica, especialmente dentro do campo da psicologia. Por ser um tema de alta complexidade, são trazidos vários aspectos para a discussão. Dentro da perspectiva psicanalítica, os temas mais recorrentes são compulsão à repetição, trauma, masoquismo feminino, fragilidade do Ego, etc. (LIMA; WERLANG, 2011; STENZEL; LISBOA 2015; NARDI; BENETTI, 2012) Todas essas contribuições são válidas para a compreensão do complexo tema da violência contra mulher, o qual é definitivamente um fenômeno social multicausal, sendo influenciado tanto por fatores sociais quanto psíquicos. No entanto, o presente estudo irá focar na perspectiva da estrutura psíquica do agressor, em vista da recente criação da lei nº 14.188, que cria o tipo penal de violência psicológica contra a mulher. Mais especificamente, iremos focar na hipótese dos casos em que esse sujeito apresenta o tipo clínico da neurose obsessiva, segundo a tese de Freud. Segundo essa tese, esse tipo clínico é fortemente determinado pela ambivalência afetiva em suas relações amorosas, as quais podem ser marcadas, portanto, por diversas formas de agressividade. De acordo com Freud, a depreciação da mulher seria inerente a tais indivíduos, assim como impulsos agressivos em relação a ela, os quais, por sua vez, podem ser mais ou menos reprimidos, causando a culpa. O objetivo deste trabalho é contribuir para a discussão a respeito dos fatores que influenciam o fenômeno da violência contra mulher, mostrando como ele representa um desafio para a cultura e para a forma predominante de relação afetiva.

De acordo com o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006, violência contra mulher é

Qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados. (BRASIL, 2006)

Segundo dados do Ministério da Saúde, o Brasil registra um caso de violência contra a mulher a cada 4 minutos. Em cerca de 70% dos casos, a violência é cometida por uma pessoa próxima da vítima, como o cônjuge, ex-cônjuge, pai, padrasto, namorado, etc.

Além disso, dados do Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o G1, mostram que houve um aumento de 7,3% nos casos de feminicídio no país em 2019, um a cada 7 horas no Brasil e seis casos a cada hora no mundo inteiro, segundo dados da ONU. Ademais, Morgado (2004) constata que a violência doméstica e o estupro são a sexta causa de morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos, mais do que todo tipo de câncer, acidentes de trânsito e vitimização em situações de guerra.

As mudanças na política armamentista do Brasil que vêm ocorrendo desde 2019, estão desburocratizando e ampliando o acesso à armas por cidadãos comuns e também àqueles que têm registro CAC (coleccionador, atirador e caçador). Tais mudanças resultaram em um aumento de 184% nos registros de novas armas pela Polícia Federal na primeira metade do governo de Bolsonaro, número que supera o total dos seis anos anteriores (SCHREIBER, 2021). Apesar de ser ainda muito cedo para sabermos os efeitos reais que essas políticas terão nos índices de violência, não é difícil deduzir que o armamento da população representa um perigo ainda maior para as mulheres, considerando que os agressores possuem acesso facilitado à armas mais letais.

Durante a pandemia de COVID-19 e as medidas de isolamento social, os números de casos de violência contra mulher aumentaram. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os casos de feminicídio cresceram 22,2%, entre março e abril de 2020, em 12 estados do país, comparativamente ao ano passado. Em vista disso, em julho de 2021, o governo federal sancionou a lei 14.188, que cria o programa Sinal Vermelho contra Violência Doméstica e Familiar. Segundo a Agência Senado, esse programa prevê, além de outras medidas, que o sinal 'X', escrito em vermelho na mão da mulher, funcione como um sinal de denúncia de situação de violência.

O texto também inclui no Código Penal o crime de violência psicológica contra mulher. Tal crime será atribuído a quem causar dano emocional “que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões”. A nova norma inclui na Lei Maria da Penha (Lei 11.340 de 2006) o critério da existência de risco à integridade psicológica da mulher como um dos motivos para que o agressor seja afastado do local de

convivência com a vítima, por ordem judicial. Anteriormente, isso só poderia ser feito se houvesse ameaça à integridade física. (AGÊNCIA SENADO, 2021)

Hoje é evidente, a partir de diversos estudos, que a violência contra a mulher se caracteriza como problema de Saúde Pública, além de ser assumida como uma questão social. A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e do feminino como seu objeto é enraizada em nossa cultura. Na visão patriarcal, o masculino é o que fica com lugar da ação, como chefe e provedor da rede de relações familiares. Consequentemente, o masculino é investido com a posição social de agente de poder e de violência e, portanto, historicamente, existe uma relação direta entre a concepção de masculinidade e o exercício do domínio (LAMOGLIA; MINAYO, 2009).

Tal concepção é refletida nos dados preocupantes mostrados anteriormente. Entretanto, também é válido a menção de que mulheres também podem ser agressoras conjugais, mas as agressões cometidas pelos homens são, muitas vezes, consideravelmente mais cruéis e resultam em danos mais graves à saúde.

Em vista desse contexto, vamos explicar alguns temas da teoria freudiana que abordam a relação que os homens geralmente estabelecem com seu objeto de amor, a forma como a mulher é vista na cultura, assim como o tipo clínico do neurótico obsessivo, e tentar pensá-los em sua relação com o fenômeno da violência contra mulher.

2. OBJETIVOS

Geral

Investigar as contribuições da teoria freudiana, para a compreensão do fenômeno sociocultural da violência contra mulher

Específicos

1. Revisar a teoria de Freud sobre a concepção do feminino e a forma como a mulher é vista pelo sexo oposto;
2. Analisar possíveis características psíquicas frequentes entre homens agressores;
3. Explorar os principais traços da neurose obsessiva;
4. Relacionar a teoria psicanalítica freudiana com o fenômeno da violência contra mulher.

4. JUSTIFICATIVA

Os números alarmantes relacionados à violência contra mulher ao redor do mundo e principalmente no Brasil, os quais ficaram ainda mais graves durante a pandemia de COVID 19, tornam relevantes mais estudos a respeito. Especialmente diante da criação da lei que inclui o crime de violência psicológica no Código Penal em julho de 2021, o que demonstra que a sociedade está começando a se deparar com a questão da depreciação da figura feminina, a qual sempre foi naturalizada.

A psicanálise tem muito a contribuir para a compreensão de tal problema. Há uma relevante bibliografia que analisa o fenômeno da violência contra a mulher sob a ótica da psicanálise, trazendo elementos como a compulsão à repetição, trauma infantil e o masoquismo feminino. Tais temáticas certamente desempenham um papel importante nos casos de violência, especialmente a doméstica, mostrando como a mulher muitas vezes escolhem permanecer em tais situações. No entanto, no presente trabalho procuramos oferecer outro ponto de vista, partindo de temáticas discutidas na extensa obra de Freud, as quais podem oferecer importantes pistas sobre as motivações dos homens agressores.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste projeto é a análise qualitativa e crítica de bibliografia, referentes à teoria freudiana, e análise de artigos publicados sobre a violência contra mulher, especialmente a violência doméstica, focando na perspectiva do agressor e suas possíveis motivações.

A bibliografia primária consiste em textos freudianos, em que o autor aborda, em alguma medida, as concepções sobre o feminino e suas relações com o funcionamento psíquico do tipo clínico designado neurose obsessiva. Também foi abordada bibliografia crítica sobre o tema.

Capítulo 1: Teoria de Sigmund Freud

I. A depreciação da mulher

Em sua extensa obra, Sigmund Freud aborda diversas vezes a questão do feminino, da mulher e também a forma como ela é vista, de forma geral, pelo sexo oposto. Portanto, quando pensamos no fenômeno da violência contra a mulher ao longo da história na perspectiva da psicanálise, a teoria freudiana certamente possui suas contribuições, inclusive possíveis indícios do porquê tal violência é tão presente e persistente em nossa sociedade.

Apesar de relativamente tardio no percurso da obra freudiana, “Mal-estar na civilização” (1930) é o primeiro texto a que nos referimos, no qual o autor descreve o conflito existente entre as exigências instintuais do ser humano e as exigências civilizatórias, ou, em uma perspectiva mais individual, entre Eros e o instinto de morte.

Nesse texto, ele também defende que a agressividade é parte intrínseca do ser humano, sendo assim um dos impulsos dos quais a civilização necessita controlar para se manter.

Devido a essa hostilidade primária entre os homens, a sociedade é permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse do trabalho em comum não a manteria; paixões movidas por instintos são mais fortes que interesses ditados pela razão. A civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem. (FREUD, 1930, p. 78)

Para controlar esses impulsos, a sociedade dispõe de diversos mecanismos, como, por exemplo, a criação de leis que condenem a maior parte das manifestações de agressividade entre humanos, conferindo a si o direito de utilizar a violência contra os infratores. No entanto, isso não impede que esse impulso agressivo se manifeste de formas mais sutis e mais difíceis de serem controladas.

Ao analisarmos a violência contra a mulher e suas diversas formas de manifestação a partir dessa perspectiva, podemos afirmar que esse complexo fenômeno não se trataria de uma anomalia, mas sim da satisfação de uma tendência original à agressão. No entanto, há outros dados que precisam ser levados em consideração, por exemplo, o fato de que o mesmo tipo de violência não é igualmente cometido por homens e mulheres. O Centros de Controle e Prevenção de Doenças

dos EUA estima que no ano de 2015, uma em cada quatro mulheres relataram ter sofrido violência sexual, física e/ou perseguição (*stalking*) por um parceiro íntimo em algum momento da vida. No caso dos homens, esse número passa para um a cada dez (SMITH, S. G., *et al*, 2018). Esses dados, portanto, nos levam a questionar que razões justificariam o fato de que a violência, na maior parte das vezes, não é praticada pela mulher com a mesma frequência e com a mesma gravidade.

Outro dado que merece menção é o fato de que a violência entre casais homossexuais ocorre até com maior prevalência do que em casais heterossexuais (COSTA, L. G; MACHADO, C. ANTUNES, R., 2011). Ademais, não é apenas a frequência das agressões que são semelhantes, “as relações maltratantes entre parceiros do mesmo sexo tendem a assumir a mesma forma, padrão, frequência, severidade, impacto e motivação que a violência doméstica heterossexual” (MERRIL, 1998 apud COSTA, L. G; MACHADO, C. ANTUNES, R., 2011, p. 6). Não cabe neste estudo nos aprofundarmos nesses dados, mas é importante constatar que a forma e as motivações para a violência contra um parceiro íntimo se mantêm as mesmas, independente do gênero da vítima, fortalecendo a hipótese de que a agressão se dá contra a posição feminina, a qual não é determinada pela anatomia.

Os pontos levantados, portanto, demonstram que o tipo de violência em questão é mais complexo do que a expressão dos instintos agressivos inatos dos seres humanos e que existe algo particular quando tratamos da relação entre a posição masculina e feminina.

Sobre isso, destacamos de início o papel da ambivalência afetiva afirmado por Freud. Esse autor traz hipóteses sobre uma forma de violência contra a mulher, que muitas vezes e em diversas sociedades, não é considerada como tal, qual seja, a depreciação. Em “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa” (FREUD, 1912), Freud entende que a depreciação da mulher seria resultado de uma espécie manobra psíquica, que alguns indivíduos realizam para manter o desejo incestuoso sob repressão. Nessa obra, o autor aborda as principais causas da impotência psíquica, um transtorno que atinge determinadas pessoas e está relacionado a características do objeto sexual. Nesse transtorno, homens são incapazes de performar o ato sexual em determinadas ocasiões, apesar de não possuírem nenhuma causa orgânica ou impedimento físico para tal. Trata-se de um efeito inibidor

de alguns complexos psíquicos, o mais comum deles estaria relacionado à fixação incestuosa não superada nas figuras da mãe e da irmã.

Nesses indivíduos, segundo as afirmações de Freud, não haveria a junção das correntes terna e sensual, a qual seria indispensável para a realização de uma escolha amorosa digamos, satisfatória, na puberdade. A corrente terna, segundo o autor, é a mais antiga das duas e corresponde à escolha de objeto infantil primária. Ela se forma na infância, estando relacionada ao instinto de autoconservação, e se dirige às pessoas da família e/ou aos cuidadores da criança. Essa corrente, desde o princípio, recebe contribuições dos instintos sexuais, já que “as primeiras satisfações sexuais são experimentadas apoiando-se nas funções corporais necessárias à conservação da vida.” (FREUD, 1912, p. 272)

Já a corrente sensual surge com mais força durante a puberdade e não ignora suas metas sexuais. No entanto, ela se esforça para transitar dos objetos sexuais originais, já que são considerados impróprios pela barreira do incesto, para outros objetos desconhecidos, os quais são escolhidos segundo a *imago* (modelo) daqueles infantis. Com o tempo, esses objetos atrairão para si a ternura que se ligava aos primeiros, conectando a corrente terna e sensual.

No caso da insuficiência psíquica, parte da corrente sensual se afasta da realidade, é tomada pela fantasia, reforçando e fixando-se na imagem dos primeiros objetos sexuais. Por conta da barreira do incesto, portanto, ela é forçada a permanecer inconsciente. A parte dessa corrente que tem acesso a realidade, faz com que a atividade sexual do sujeito seja facilmente perturbável, caprichosa, de escasso prazer e, especialmente, que ela evite a corrente terna. Há, portanto, uma cisão na vida amorosa de tais pessoas. A corrente sensual permanece na busca de objetos que não lembram as figuras incestuosas e, quando a corrente terna se dirige a alguém, ela não resulta na excitação da sensualidade. Assim, essas pessoas “quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (p. 274).

Freud afirma, então, que para se proteger dessa cisão amorosa, o indivíduo se vale da depreciação psíquica do objeto sexual. Portanto, a meta sexual só pode ser cumprida com objetos sexuais que são depreciados, menosprezados, o que garante a separação da corrente sensual e terna. Esse mesmo princípio se aplica a alguns tipos específicos de escolha de objeto feita pelos homens. Segundo Freud, há quatro

principais: as mulheres que já estão comprometidas com outro homem; mulheres que possuem alguma má fama; mulheres que são consideradas “fáceis” ou “promíscuas”; e, por último, mulheres as quais os homens acreditam que necessitam ser salvas por eles. Todos esses tipos de objetos amorosos são, de uma forma ou outra, depreciados, considerados de menor valor que o próprio homem. (FREUD, 1910)

O autor destaca que tal fenômeno é mais comum do que se imagina em homens. É frequente que eles sejam incapazes de respeitar a mesma mulher que desejam. No entanto, tal exigência é quase inexistente na mulher. É mais frequente que elas não consigam desfazer o laço entre a atividade sexual e a proibição, se tornando frígidas, ou seja, psicologicamente impotentes. Em muitos casos, para que elas sejam capazes de terem uma vida sexual considerada normal, é necessário que se restabeleça a condição da proibição, como, por exemplo, em um caso de infidelidade.

A questão da visão depreciativa que os homens têm em relação às mulheres aparece novamente em sua obra, em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, de 1925. Freud retoma as diferenças existentes entre o Complexo de Édipo da menina e do menino, sendo a mais importante delas, o complexo de castração. Segundo o autor, quando uma menina nota a existência do pênis - no irmão ou algum colega de brincadeira, por exemplo - ela reconhece-o como superior ao seu pequeno órgão e passa a ter inveja do pênis.

Com isso, a menina pode ter três tipos de reações: manter a esperança de ainda ter um pênis, tornando-se igual ao homem, a qual Freud denominou de “recusa”; o reconhecimento da ferida narcísica e um conseqüente sentimento de inferioridade; e, por fim, o afrouxamento da relação terna com o objeto materno, vendo-o como responsável por colocá-la no mundo com essa falta. Essa última reação é o que inaugura o complexo de Édipo para a menina.

Por outro lado, quando o menino avista pela primeira vez a região genital da garota, inicialmente ele se mostra pouco interessado ou apenas recusa sua percepção. Somente quando uma ameaça de castração surge e tem influência sobre o garoto, ele se recorda da visão do órgão feminino, passando então a crer na realidade da ameaça que até então foi ignorada. Com isso, o menino pode ter duas reações:

Essa conjunção leva a duas reações, que podem se tornar fixas e então, separadamente ou juntas, ou em conjunção com outros fatores, determinarão permanentemente suas relações com as mulheres: aversão à criatura mutilada ou triunfante menosprezo dela. (FREUD, 1925, p. 262)

Essa mesma concepção de depreciação do objeto amoroso também aparece em “O fetichismo” (FREUD, 1927). Para um fetichista, a aversão frente ao genital feminino real é sempre presente, já que isso seria a prova de que a mulher é castrada e, portanto, que seu próprio pênis corre perigo. Segundo Freud, o fetiche, então, representa um triunfo sobre a ameaça de castração, assim como uma proteção contra ela. Ele empresta à mulher a característica que a torna aceitável como objeto sexual, o falo. Para que essa relação seja possível, é necessário que exista uma certa rigidez na cena, pois o objeto amoroso não tem importância como pessoa, mas sim como fetiche, e esse é o que possibilita o prazer na relação sexual. Dessa forma, a anulação da mulher como sujeito em uma relação amorosa também pode ser considerada uma forma de violência.

A forma como a mulher é vista pelo sexo oposto também é abordada em “O Tabu da Virgindade” (FREUD, 1917). Freud argumenta, fazendo uma análise sobre a sociedade em que ele está inserido e também em sociedades primitivas, que a mulher em geral representa um tabu

Ali onde o primitivo ergueu um tabu, é porque teme o perigo, e não se pode negar que um temor básico ante a mulher se exprime em todos esses preceitos para evitá-la. Talvez ele se fundamente no fato de a mulher ser algo diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha e, por isso, aparentemente hostil. O homem teme ser debilitado pela mulher, ser contagiado por sua feminilidade e, então, mostrar-se incapaz. (FREUD, 1917, p.291)

Portanto, o tabu do primeiro ato sexual da mulher surge a partir de um perigo que seria, de forma geral, psíquico, fruto da projeção de impulsos hostis internos do homem em objetos externos, que seriam considerados por ele desagradáveis ou desconhecidos. Dessa forma, a mulher representaria um perigo, especialmente durante o primeiro ato sexual. Ela, por sua vez, também destinaria impulsos hostis ao esposo ou ao homem responsável pela sua defloração (FREUD, 1917, p.293). Em vista disso, o autor novamente menciona o fato da mulher ser relacionada a um ser misterioso e perigoso, algo que perpassa toda a sua obra a respeito do feminino.

Todos esses pontos defendidos pela teoria freudiana são fortes indícios de que o fenômeno da violência contra mulher está bastante relacionado com a visão depreciativa da figura feminina por parte do homem, resultado de diversos processos psíquicos. A qual, por sua vez, está intimamente ligada a aspectos sócio-culturais que asseguram a posição de dominação masculina, seja ela subjetiva, econômica ou sexual. Essa conjuntura, em última instância, facilita os episódios de violência, como uma forma de assegurar essa posição de dominação masculina em vista de uma ameaça colocada pelo feminino.

II. A Neurose Obsessiva

Esse tipo clínico é abordado neste estudo a partir da afirmação de Freud de que, nesse quadro, o indivíduo organiza uma série de sintomas, cujo objetivo é evitar a castração (FREUD, 1926). Merece ainda destaque a hipótese de que, nesse processo, haveria algum nível de regressão da sexualidade para suas formas características da chamada fase anal sádica, o que tornaria as relações afetivas marcadas pela agressividade e também pela ambiguidade de sentimentos em relação às pessoas amadas. Por esses motivos que se torna relevante, quando falamos sobre violência, nos aprofundarmos mais na teoria freudiana a respeito da neurose obsessiva.

Em seus textos iniciais, Freud afirma que as neuroses surgem a partir de uma experiência na infância que é incompatível com a vida representativa do indivíduo. Então, o Eu retira o afeto dessa representação e, uma vez que isso ocorre, ele precisa ser utilizado de outra forma. Na neurose obsessiva essa soma de excitação permanece na esfera psíquica liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas e, graças a essa “falsa ligação”, tais representações se transformam em representações obsessivas. No caso geral das fobias, por exemplo, essas representações estariam associadas a fobias primárias da espécie humana. Já no caso das neuroses, a ligação se dá à coisas inequivocamente associadas, de um modo ou de outro, com o que é sexual - tais como a micção, a defecação ou, de um modo geral, a sujeira e o contágio, como é frequente na obsessão. (FREUD, 1894).

Em um artigo produzido pouco tempo depois, o autor adiciona que o fator responsável pela defesa nas neuroses é sempre uma experiência sexual de caráter

traumático. Na histeria essa experiência é passiva, mas nas obsessões ela é ativa, sendo um ato de agressão sexual praticada com prazer. É essa diferença nas circunstâncias etiológicas que está relacionada ao fato de que a neurose obsessiva se faz mais presente no sexo masculino. (FREUD, 1986)

No mesmo texto, Freud também descreve os quatro períodos que compõem o curso típico tomado pela neurose obsessiva.

Num primeiro período - o período da imoralidade infantil - ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as experiências de sedução sexual que mais tarde tornarão possível o recalçamento, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem auto-acusação. (FREUD, 1896, P. 100)

O período posterior se inicia com a “maturação” sexual, a qual é frequentemente muito precoce. Uma auto-acusação fica então ligada à lembrança dessas ações prazerosas e torna-se possível recalcar-las e substituí-las por um sintoma primário de defesa - conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança. Já o terceiro período é caracterizado por uma defesa bem-sucedida e, portanto, de uma aparente saúde. O quarto período, no entanto, é o da doença propriamente dita. Ele é caracterizado pelo retorno das lembranças recalçadas, ou seja, pelo fracasso da defesa.

Em “A Repressão”, de 1915, Freud enfatiza que o trabalho de repressão na neurose obsessiva não tem êxito. Ele também afirma que “(...) a neurose obsessiva tem por pressuposto uma repressão, por meio da qual uma tendência sádica tomou o lugar de uma afetuosa. É esse impulso hostil para com uma pessoa amada que é sujeito à repressão.” (p. 71). É nessa ambivalência de afetos que a repressão não se sustenta e o afeto desaparecido volta, então, como um substituto por deslocamento, como a angústia social, angústia da consciência, recriminação desmedida, etc. causado, em última instância, o impedimento da ação.

Em “Inibição, sintoma e angústia” (1926), o autor retoma a etiologia da neurose obsessiva, mas dessa vez sob a perspectiva dos estágios do desenvolvimento psicosexual infantil, afirmando que o traço fundamental de tal tipo clínico é a regressão libidinal. Quando o Eu inicia a defesa contra as exigências libidinais do complexo de Édipo, o primeiro resultado alcançado é o recuo da organização genital, totalmente ou em parte, para a fase sádico-anal. Conseqüentemente, no início do

período latência o Super-eu torna-se bastante rigoroso e o Eu desenvolve, em obediência ao Super-eu, elevadas formações reativas. Já na puberdade, os impulsos agressivos da infância são despertados e, além disso, os novos impulsos libidinais também surgem como intenções agressivas e destrutivas. Dessa forma, o Eu rebelase contra as demandas cruéis do Id que são levadas à consciência sem suspeitar que está, na realidade, combatendo desejos eróticos. É importante destacar, no entanto, que existem várias formas de manifestação da neurose obsessiva. No geral, o Eu se torna bastante restrito, buscando satisfação nos sintomas.

Outros texto que vale a menção é “Caráter e erotismo anal” (1908). Nele, Freud descreve com mais detalhes os indivíduos em que o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte. Essas pessoas, durante a primeira infância, apresentam incontinência fecal pois obtém um prazer suplementar do ato de defecar. Após a infância, tais indivíduos desenvolvem três traços de caráter que se mostram comuns. Tais traços são: a preocupação com a ordem; a parcimônia, a qual pode aparecer como avareza; e a obstinação, que pode parecer rebeldia, teimosia e até associar-se a cólera e ímpetos vingativos.

Esses três traços de caráter se dão pois, durante o período de latência, – já que no decurso do desenvolvimento a zona anal perde sua significação erógena – “criam-se na mente formações reativas, ou contraforças, como a vergonha, a repugnância e a moralidade. Na verdade, surgem às expensas das excitações provenientes das zonas erógenas (...)” (p. 94). Portanto, é possível supor que a ordem, a parcimônia e a obstinação, frequentemente presentes nos indivíduos que eram anteriormente anal-eróticos, sejam resultados da sublimação do erotismos anal.

É interessante lembrar que a dinâmica da neurose obsessiva é descrita no paradigmático caso “O Homem dos Ratos” (1909). Nele, Freud relata que seu paciente teve seu distúrbio agravado a partir da morte do pai. Desde criança, ele apresentava um forte desejo de ver mulheres nuas, mas se recriminava deste desejo, tendo a ideia obsessiva de que algo ruim iria acontecer. Tal ideia sempre se relacionava com algum tipo de violência ou até a morte de uma pessoa querida. Fica evidente durante as sessões que o paciente possui impulsos violentos em relação às pessoas queridas, como o pai ou a mulher amada, impulsos os quais nega imediatamente, seguido pela culpa. (FREUD, 1909)

Durante o caso, Freud destaca a relação entre amor e ódio, a qual faz parte da economia libidinal do neurótico obsessivo

[...] nos casos discutidos de ódio inconsciente, o componente sádico do amor desenvolveu-se constitucionalmente de forma bastante acentuada, daí experimentando uma supressão prematura e demasiado radical, e os fenômenos neuróticos observados derivam, por um lado, da ternura consciente elevada ao máximo pela reação e, por outro lado, do sadismo que prossegue atuando como ódio no inconsciente. (FREUD, 1909, p. 70)

Ademais, Souza (2013), falando sobre a relação entre agressividade e neurose obsessiva, afirma

(...) o que está em jogo na neurose obsessiva, a meu ver, é uma impossibilidade de experimentação da própria destrutividade e da conseqüente ambivalência afetiva, suscitando um modo de ser reativo, erguido sob o domínio de formações substitutivas sintomáticas que visam impedir a própria verdade do desejo. (SOUZA, 2013, p.85)

Portanto, a relação intrínseca existente entre a obsessão e a agressividade, além da presença dos sentimentos ambivalentes de amor e ódio que são extensivamente discutidos na obra de Freud, podem ser considerados um dos diversos aspectos que resultam nos alarmantes dados de violência contra mulher. Ademais, como as mencionadas características fazem parte do tipo clínico obsessivo, tais tendências agressivas, que podem se manifestar em forma de ato, definitivamente representam um desafio à nossa cultura.

Capítulo 2: Relação entre a violência contra mulher e a teoria freudiana

Para essa análise, é importante retomar que a mulher também comete agressão conjugal, mas, no geral, as agressões são verbais e mesmo quando são físicas, não causam danos tão graves quanto as agressões cometidas por homens. Portanto, vale ressaltar que o que iremos colocar em discussão é o fenômeno da violência contra a mulher, algo que é atemporal e ocorre em todas as culturas ao redor do mundo. No Brasil, o problema em questão é especialmente grave, já que o país ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Femicídio, segundo o Mapa da Violência 2015, com dados fornecidos pela Organização Mundial de Saúde, o que torna os estudos sobre o tema ainda mais importantes.

Para analisar esse fenômeno, é essencial pensarmos nas raízes sociais que suportam tal comportamento. Uma das principais delas é a tendência à depreciação da mulher, a qual também tem raízes psíquicas que foram observadas por Freud. Como já foi mencionado no capítulo anterior, o autor afirma em diversos textos que a mulher é vista como um ser estranho, um tabu e pode ser vista como algo ameaçador e hostil. Tais características do ser feminino que estão presentes no inconsciente naturalmente incitam instintos de defesa. Essa depreciação já está presente na noção mais elementar de que a menina estaria em falta por não possuir um falo.

Frequentemente, homens tendem a diferenciar as mulheres em duas classes: as que desejam e as que respeitam. Portanto, muitos não conseguem respeitar as mulheres que desejam. Isso ocorre por conta da separação da corrente terna, relacionada a escolha de objeto infantil primária, e a sensual, a qual surge na puberdade e possui metas sexuais. Em indivíduos com o desenvolvimento considerado “normal”, haveria uma junção entre essas duas correntes, o que faz com que o sujeito sinta atração sexual pela mesma pessoa que ama e respeita, ou seja, que tenha uma escolha amorosa satisfatória em certa medida. No entanto, em grande parte dos homens não ocorre essa junção. Parte da corrente sensual se afasta da realidade, fixando-se nos objetos primários de amor e, devido à barreira do incesto, permanece no inconsciente. Já a parte que tem acesso à realidade, é um tanto quanto frágil e caprichosa. Além disso, ela evita a corrente terna, causando uma forma de cisão. A corrente terna, por sua vez, quando se dirige a alguém, ela não resulta na excitação da sensualidade. Consequentemente, nestes casos, é imperativo que o

objeto amoroso seja, de alguma forma, depreciado ou desvalorizado pelo homem, evitando assim, a corrente terna.

Essa hipótese é observável em estudo feito por Oliveira e Gomes (2011) analisou qualitativamente 54 textos brasileiros sobre homens e violência conjugal. Ele cita que as alegações dos homens para o uso da violência contra a mulher são: ciúme/infidelidade, desemprego ou dificuldade financeira do homem, dependência química, agressão física ou psicológica da companheira, outros “erros” dela (como cobrança e falta de compreensão, recusa sexual, confrontação, domínio sobre o companheiro e destituição da palavra dele, desonestidade, desobediência e emprego dela), discussões sobre criação de filhos e finanças da casa, divergências quanto aos papéis de homem e mulher, dificuldade de dialogar, medo de perder o controle sobre a mulher, entre outros. É possível observar que a maioria das motivações citadas estão relacionadas à uma certa desobediência, por parte da mulher, dos padrões e estereótipos estabelecidos pela sociedade sobre o lugar que a mulher deve ocupar e como deve se comportar. Portanto, desafiando também a classificação feita por grande parte dos homens em mulheres que podem ser respeitadas, pois são consideradas dotadas de características dos objetos infantis primários, ou seja, objetos que evocam a figura materna, ou mulheres que se afastam desse ideal, com quem, portanto, podem cumprir suas metas sexuais. É o desafio dessa ordem imaginária, que tem como objetivo a repressão, que pode causar reações no homem, inclusive impulsos agressivos.

Outro estudo que explora a mesma ideia foi realizado por Stenzel (2017), no qual a autora entrevistou um homem detido no Presídio Central de Porto Alegre (PCPA) em função da Lei Maria da Penha. João, 63 anos, era casado há 43 anos com a mesma parceira, a quem assassinou. Sua infância foi marcada pela extrema violência por parte do pai e um desamparo por parte da mãe, a qual era bastante submissa. João relata ter sofrido agressões da esposa e dos filhos, o que o fez se sentir ameaçado. Ele também afirma ter sido um bom marido para sua mulher, proporcionando-lhe uma boa condição financeira e bens materiais. No entanto, ela queria “se aventurar”, queria “mais”, ou seja, queria algo além do que seu papel de esposa designava.

A frustração de João com relação ao desejo de ser cuidado se tornou inevitável, pois sua companheira jamais poderia substituir os cuidados maternos iniciais que lhe faltaram. Assim, a agressividade de João não encontrou formas de controle a partir de um ego que se mostra frágil,

adoecido e incapaz de conter tamanha expressão de destrutividade (pulsão de morte). (STENZEL, 2017, p. 630)

É possível notar que João espera que sua esposa cumpra uma função materna que lhe foi insuficiente na infância e, quando ela não ocupa esse papel, ele retorna a uma posição de desamparo. Além disso, o marido também menciona que a esposa “quer mais”, ou seja, ela deseja, outra característica que novamente não mantém a divisão entre mulheres respeitadas e mulheres desejadas.

Outro ponto que vale a menção é como João relata o momento do assassinato. O homem diz que ele e sua esposa estavam brigando, até que ela pega uma faca e ele, por sua vez, pega o revólver que tinha em casa. Ele a ameaça, dizendo para largar a faca ou ele lhe daria um tiro e ela duvida de sua ameaça, dizendo que ele não é “homem suficiente” para tal. É nesse momento em que João perde o controle e atira em sua mulher. Ele relata na entrevista: “Aí foi o limite né, porque me humilhou, me rebaixou, me ameaçou... Não foi um ato de valentia, nem de nada... Foi um ato de uma revolta com defesa né.” (p. 630).

Em Totem e Tabu, Freud afirma que a figura feminina já é muitas vezes vista como algo hostil e ameaçador. Portanto, não é de se surpreender quando João relata que é justamente no momento em que ele se sente ameaçado por sua esposa e sua masculinidade é duvidada, que seus impulsos destrutivos se tornam fortes demais e ele passa para o ato.

Outro estudo, feito por Moraes e Ribeiro (2012), também aponta as mesmas características. As autoras fizeram um trabalho etnográfico no qual acompanharam, durante dois meses, dois Grupos de Reflexão para autores de violência, em que 11 acusados participaram do primeiro grupo e nove do segundo. O estudo relata que tensão era gerada no grupo quando os assuntos requeriam reflexões sobre os papéis de homens e mulheres na família e nas relações de gênero. Os homens participantes viam as mulheres como cuidadoras natas e as principais responsáveis por manterem o lar e a família como um refúgio emocional para todos os seus membros. As autoras observam que “a ruptura da mulher com esse modelo era considerada geradora de muitas desarmonias e conflitos, sendo então representadas como ‘desequilibradas’, ‘provocadoras’, ‘agitadas’, ‘nervosas’ etc.” (p. 50). Novamente, a questão da desobediência de papéis surge como uma das principais motivações para os conflitos de casais e, conseqüentemente, a agressão.

Essa discussão perpassa, naturalmente, a questão da neurose obsessiva, já que esse tipo clínico é presente em boa parte dos homens. Alguns estudos (CHEMAMA, 1999; BASTOS, 2010 e SANTORO, 2004) ressaltam que a neurose obsessiva não é exclusiva aos homens. Esses autores notam que as características consideradas masculinas estão ancoradas em razões sociais, e que as manifestações desse tipo clínico em indivíduos do sexo feminino têm aumentado. No entanto, mesmo com essa tendência, a incidência da neurose obsessiva em indivíduos do sexo masculino ainda é relevante o suficiente para ser considerada nesse estudo.

Na discussão sobre a relação entre o fenômeno da violência contra mulher e a psicanálise, é importante pontuar que a principal característica da neurose obsessiva é a ambiguidade de sentimentos a respeito da pessoa amada, na qual amor e ódio andam lado a lado. Os obsessivos tentam reprimir os impulsos hostis as pessoas amadas, mas essa repressão não é totalmente bem sucedida. Esses sujeitos estão constantemente lutando contra sua própria agressividade, a qual, segundo Freud, provavelmente deriva da sublimação do erotismo anal. Dessa forma, impulsos agressivos são inerentes a esse tipo clínico.

No estudo de Oliveira e Gomes, já mencionado anteriormente, os autores relacionam as características observadas nos agressores conjugais com a neurose obsessiva e descrevem:

Sob essa influência, o homem desenvolveria uma estrutura de personalidade obsessiva, que atua para que ele se interponha diante de qualquer movimento da parceira de desejar alguma coisa que não seja ele mesmo; enquanto a mulher comporia uma estrutura histérica, que a incita a acreditar que só ele pode devolver sua identidade de mulher respeitada, ao modificar o modo como ele a vê. (OLIVEIRA e GOMES, 2011, p. 2406)

A depreciação da mulher, no entanto, não se manifesta apenas na violência física, mas também na violência moral e psicológica, as quais são ainda mais frequentes e também são cobertas pela Lei Maria da Penha. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), cerca de 95% das pessoas de 18 anos ou mais que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência, também sofreram violência psicológica. As mulheres são as maiores vítimas, 18,6% delas reportaram ter sofrido violência psicológica, contra 16% dos homens. No entanto, a maior diferença reside no fato de que a maioria das agressões psicológicas contra as mulheres são praticadas por ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-parceiro(a) ou ex-namorado(a),

enquanto para os homens, o mesmo tipo de violência foi majoritariamente praticado por amigos ou pessoas desconhecidas (NERY, 2021). A escassez de dados e pesquisas sobre a violência psicológica contra a mulher em comparação com a violência física também é um indicativo de como tal problema é naturalizado pela cultura, especialmente quando ele ocorre dentro do ambiente doméstico, local onde a mulher é historicamente subjugada. Todos esses fatores dificultam o reconhecimento da violência psicológica e, conseqüentemente, seu combate.

Portanto, as características da psique aqui discutidas, em específico a psique de grande parte dos homens, as quais envolvem a escolha objetal, a depreciação do objeto amado, a ambivalência de sentimentos em relação a ele e os impulsos agressivos, podem ser considerados uma das diversas causas que levam a violência contra o sexo feminino ser algo tão frequente na cultura ao longo do tempo. No entanto, esse estudo não tem o objetivo de justificar tais atos. Afinal, não podemos perder de vista o fato de que a violência contra a mulher é um fenômeno extremamente complexo e multicausal.

Da mesma forma, é importante pontuar que os aspectos da vida psíquica levantados nesse estudo não estão desconectados da conjuntura social e da cultura, mas sim que eles se influenciam mutuamente. É inegável que a objetificação e depreciação da mulher é muito presente na cultura e isso certamente influencia no número alarmante de vítimas de agressão e feminicídio. Os pontos analisados neste estudo apenas demonstram a complexidade do fenômeno em questão e a necessidade de mais estudos a respeito, para que possam ser criadas leis e políticas públicas efetivas que contribuam para a diminuição dos casos de violência, assim como a reabilitação dos agressores e o suporte adequado para as vítimas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os pontos expostos, é possível concluir que o fenômeno da violência contra mulher que sempre foi presente ao longo da história é extremamente complexo e possui diversos aspectos que o influencia. Um desses aspectos que nos ajuda a compreender as possíveis causas para esse problema ser tão abrangente é a estrutura e economia psíquica de grande parte dos homens, como descritas pela teoria freudiana.

A depreciação da figura feminina é um tema frequente na obra de Freud. O autor afirma que a mulher, de certa forma, é vista como um tabu na cultura, um ser estranho, incompreensível e possivelmente hostil, noção que também surge a partir da visão da mulher castrada na infância, a qual suscita sentimentos de aversão e menosprezo no menino. Freud também afirma que a depreciação é, inclusive, uma espécie de manobra psíquica realizada por alguns indivíduos para manter o desejo incestuoso sob repressão, o que faz com que parte dos homens sejam incapazes de respeitarem a mesma mulher que desejam. Tal fenômeno também ocasiona uma tendência que muitos homens possuem de separar as mulheres que podem ser respeitadas, já que seguem o modelo (*imago*) dos primeiros objetos infantis, das que podem ser desejadas sexualmente, pois se afastam desse ideal e são, de alguma forma, depreciadas. É observável, em diversos estudos feitos com homens agressores, que é na ocasião em que a mulher desafia essa divisão imaginária que surgem os conflitos os quais levam a episódios de agressão.

Portanto, a desvalorização da figura feminina, a qual é observável em diversos aspectos sócio-culturais, também é resultado de diversos processos psíquicos, retroalimentando a posição de dominação masculina em diversas esferas. Consequentemente, essa conjuntura facilita os episódios de violência contra mulher, seja ela física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, como uma forma de garantir a dominação masculina frente à ameaça do feminino.

A ambivalência psíquica também é um tema importante de ser destacado, enunciando que sentimentos de amor e de ódio coexistem em relação a um mesmo indivíduo, ou seja, a um objeto de amor. Essa ambivalência é especialmente presente em neuróticos obsessivos, estrutura psíquica caracterizada por uma regressão à fase anal-sádica do desenvolvimento sexual infantil, a qual também é marcada pela

agressividade. Esses impulsos hostis inerentes ao obsessivo em relação às pessoas amadas são importantes de serem levados em conta quando falamos do fenômeno da violência contra mulher. Evidentemente, não são todos que partem para o ato, outros realizam formações reativas, ou ainda deslocam a satisfação da agressividade para objetos substitutos, resultando em uma parcial paralisia da vontade e incapacidade de decisão.

Embora Freud enfatize a existência da ambiguidade e agressividade inerentes, o autor não negligencia o papel cultural e filogenético na vida psíquica, ou seja, a psique e a cultura não podem ser dissociadas. Portanto, a violência contra mulher não pode ser naturalizada. A criação da lei nº 14.188 que cria o tipo penal de violência psicológica contra a mulher é prova de que a sociedade está começando a se deparar com essa questão.

Os aspectos que foram pontuados no presente trabalho definitivamente representam um grande desafio à cultura. Em vista disso, propomos que sejam realizadas novas discussões e estudos mais aprofundados sobre o tema, com o objetivo de pensar sobre possíveis manejos para a ambivalência, em formas de modificar o ódio e os impulsos agressivos, mas entendendo que não é possível eliminá-los por completo.

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA SENADO. Lei cria programa Sinal Vermelho e institui crime de violência psicológica contra mulher. **Senado Notícias**, Distrito Federal, 29 jul. 2021. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/29/lei-cria-programa-sinal-vermelho-e-institui-crime-de-violencia-psicologica-contra-mulher>> Acesso em: 4 Ago. 2021

BASTOS, Waieser Matos de Oliveira. Neurose obsessiva em mulheres. 2010. 92f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6789/1/2010-DIS-WMOBASTOS.pdf>> Acesso em: 05 Nov. 2021

BOND, Letycia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. **Agência Brasil**. São Paulo, 1 jun de 2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-femicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>> Acesso em 13 Jul. 2021.

BRAISL, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CHEMAMA, Roland. A neurose obsessiva feminina hoje. **NEUROSE OBSESSIVA**, p. 16, 1999. Disponível em: <<https://ap1poa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista17.pdf#page=15>>. Acesso em 05 Nov. 2021

COSTA, Laura Gil; MACHADO, Carla; ANTUNES, Rute. Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. **Psychologica**, v. 1, p. 2-15, 2011.

CUBAS, Maria Gana; ZAREMBA, Júlia; AMÂNCIO, Thiago. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 9 set 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>> Acesso em 13 jul 2021.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: _____. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 16. P. 257-268.

FREUD, Sigmund. A repressão (1915). In: _____. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12. P. 61-73.

FREUD, Sigmund. Caráter e erotismo anal (1908). In: _____. "*Grandiva*" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 92-95. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa (1894). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893 -1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 273-282. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: _____. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 17. P. 9-76.

FREUD, Sigmund. O fetichismo, (1927). In: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, vol. 17. p. 244 - 312

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da

tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-183. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O Homem dos Ratos”, 1909). *In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]*, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, vol. 9. p. 9 - 78.

FREUD, Sigmund. O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III) (1917). *In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]*, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, vol. 9. P. 285 - 302.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização (1930). *In: O mal-estar na civilização, novas conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos*. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 18. P. 14-122

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I) (1910) *In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]*, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 9. P. 260 - 283

FREUD, Sigmund. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II) (1912) *In: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]*, uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 9. P. 271-283

LAMOGLIA, C.V.A.; MINAYO, M.C.S. 2009. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: Estudo em uma delegacia do interior do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**,14:595-604

LIMA, Gabriela Quadros de; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicologia em Estudo**.

2011, v. 16, n. 4, pp. 511-520. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/pe/a/GShYc5SHq9SVcrwbyXxbSbT/?lang=pt#>>. Epub 21 Maio 2012. ISSN 1807-0329.

MORAES, Aparecida Fonseca; RIBEIRO, Letícia. As políticas de combate à violência contra a mulher no Brasil e a "responsabilização" dos "homens autores de violência". **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 11, p. 37-58, Aug. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Out. 2021

MORGADO, R. 2004. Mulheres em situação de violência doméstica: Limites e possibilidades de enfrentamento. In: H. SIGNORINI; E. BRANDÃO (eds.), **Psicologia jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro, Nau, p. 309-339.

NARDI, Suzana Catanio dos Santos; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Violência conjugal: estudo das características das relações objetais em homens agressores. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 62, n. 136, p. 53-66, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 ago. 2021.

NERY, Carmen. Violência atingiu 29,1 milhões em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas. **Agência IBGE Notícias**, [S. l.], 7 maio 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 15 dez. 2021.

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2401-2413, Mai. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000500009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de Out. 2021

SANTORO, Vanessa Campos. A Mulher que sabia demais. **Cogito**, Salvador, v. 6, p. 85-87, 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792004000100020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2021

SCHREIBER, M. Dois anos de maior acesso a armas reduziu a violência como dizem bolsonaristas? **BBC News Brasil**, Brasília, 15 fev. 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56075863>> Acesso em 17 ago. 2021.

SOUZA, Ramon José Ayres. Neurótico obsessivo entre o mal constitutivo e a moral civilizatória. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 39, p. 85-92, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 set. 2021.

SMITH, S.G., ZHANG, X., BASILE, K.C., MERRICK, M.T., WANG, J., KRESNOW, M., CHEN, J. (2018). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2015 Data Brief – Updated Release. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention. Disponível em <<https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/2015data-brief508.pdf>>. Acesso em 03 dez 2021

STENZEL, Gabriela Quadros de Lima; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de um agressor conjugal. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, vol. XX, núm. 3, p. 625-633, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000300625&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Out. 2021

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil. 1ª ed. Brasil, DF, 2015. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 28 Out. 2021